



ISSN: 2358-0844
n. 18, v. 1
out. 2022-dez. 2022
p. 282-305

Temporalidade *queer* e geografia pós-moderna*

(*Queer temporality and postmodern geography*)

(*Temporalidad queer y geografía posmoderna*)

J. Halberstam¹

RESUMO: O presente texto consiste no primeiro capítulo do livro *In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives*. Interessa ao autor destacar o “tempo *queer*” e o “espaço *queer*” como categorias fundamentais para interpretar as articulações sociopolíticas pós-modernas. Por meio deste percurso teórico, Halberstam apresenta uma crítica contundente às pessoas estudiosas pós-modernas que negligenciaram a sexualidade e a diversidade de gênero como marcadores teóricos oportunos ao entendimento de novas racionalidades que emergiram na contemporaneidade e desestabilizaram algumas das tradições epistemológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo *queer*. Espaço *queer*. Epistemologia.

Abstract: This text is the first chapter of the book *In a Queer Time and Place: transgender bodies, subcultural lives*. The author is interested in highlighting “queer time” and “queer space” as fundamental categories to interpret postmodern sociopolitical articulations. With this theoretical path, Halberstam presents a forceful critique of postmodern scholars who have neglected sexuality and gender diversity as opportune theoretical markers for understanding new rationalities that have emerged in contemporary times and have destabilized some of the epistemological traditions.

Keywords: Queer time. Queer space. Epistemology.

Resumen: Este texto es el primer capítulo del libro *In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives*. Se enfoca en destacar el “tiempo *queer*” y el “espacio *queer*” como categorías fundamentales para interpretar las articulaciones sociopolíticas posmodernas. A partir de este camino teórico, Halberstam presenta una crítica contundente a las personas estudiosas posmodernos que han descuidado la sexualidad y la diversidad de género como marcadores teóricos oportunos para comprender las nuevas racionalidades que han surgido en la contemporaneidad y que han desestabilizado algunas de las tradiciones epistemológicas.

Palabras clave: Tiempo *queer*. Espacio *queer*. Espistemología.

* Este texto é o primeiro capítulo do livro *In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives*. Referência original: HALBERSTAM, J. *In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives*. New York: NYU Press, 2005. 213 p. Agradecemos à New York University Press por, gentilmente, ter autorizado a publicação desta tradução.

¹ Jack Halberstam é Professor de *American Studies and Ethnicity, Gender Studies and Comparative Literature* na *University of Southern California*. Tradução produzida pelo Dr. Roney Gusmão, Professor Adjunto do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - CECULT/UFRB, E-mail: roney@ufrb.edu.br. Me. Mariana Souza Paim, Professora da rede básica de educação do estado da Bahia (SEC-BA) e doutoranda no programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também integra a coordenação da linha de pesquisa Lesbianidades, Interseccionalidades e Feminismos (LIF), vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS), E-mail: marianaspaime@gmail.com. Euclides Rocha Cavalcante Neto, Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e vinculado à Linha Corpos, Cidades e Territorialidades Dissidentes do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS), E-mail: ercnetto@gmail.com. Me. Iuri Assunção Lúcio, Doutorando pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e membro do NuCuS - Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades - ambos vinculados ao IHAC/UFBA, E-mail: iuriassuncao@gmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 01/12/2022
Aceito em 11/12/2022

Como se pode chegar a um sistema relacional através de práticas sexuais? É possível criar um modo de vida homossexual? [...] Ser “gay”, penso eu, não é identificar-se com os traços psicológicos e com as máscaras visíveis do homossexual, mas tentar definir e desenvolver um modo de vida.

(*Da amizade como modo de vida*, Michel Foucault)

Nunca há uma geografia da autoridade e nem uma geografia da resistência. Além disso, o mapa da resistência não é simplesmente o lado inferior do mapa da dominação – já que cada um é uma mentira para o outro e cada um dá a mentira ao outro.

(*Opposition, political identities, and spaces of resistance*, Steve Pile)

Este livro faz a afirmação, talvez excessivamente ambiciosa, de que existe algo como “tempo *queer*” e “espaço *queer*”. Os usos *queer* do tempo e do espaço desenvolvem-se, pelo menos em parte, em oposição às instituições da família, da heterossexualidade e da reprodução. Eles também se desenvolvem de acordo com outras lógicas de localização, de movimento e de identificação. Se tentarmos pensar na *queeridade*² como um efeito de temporalidades estranhas, planos de vida imaginativos e práticas econômicas excêntricas, nós a afastamos da identidade sexual e nos aproximamos mais da compreensão de Foucault em “Da amizade como modo de vida” de que “a homossexualidade ameaça as pessoas como um ‘modo de vida’ e não como uma forma de ter sexo”. (FOUCAULT, 1996, p. 310) Na formulação radical de Foucault, as amizades *queer*, as redes *queer* e a existência dessas relações no espaço e no uso do tempo marcam-se como particularidades e, de fato, conduzem à percepção da vida homossexual como uma ameaça. Neste livro, o “modo de vida” *queer* abrange práticas subculturais, métodos alternativos de aliança, formas de corporização transgênero e aquelas formas de representação dedicadas a capturar estes modos de ser intencionalmente excêntricos. Obviamente, nem todas as pessoas gays, lésbicas e transgêneros vivem suas vidas de maneiras radicalmente diferentes de suas contrapartes heterossexuais, mas parte do que tornou a *queeridade* atraente como forma de autodescrição na última década tem a ver com a forma como ela tem o potencial de abrir novas narrativas de vida e relações alternativas com o tempo e o espaço.

O tempo *queer* possivelmente emergiu de forma mais espetacular no final do século XX, a partir daquelas comunidades gays cujos horizontes de possibilidades foram severamente diminuídos pela epidemia da AIDS. Em suas memórias sobre a morte de seu amante soropositivo, o poeta Mark Doty escreve: “Toda minha vida vivi com um futuro que constantemente diminui, mas nunca desaparece”. (DOTY, 1996, p. 4) Esse futuro em constante diminuição cria uma nova ênfase no aqui, no presente, no agora e – enquanto a ameaça de não haver nenhum futuro paira como uma nuvem de tempestade – na urgência de ser que também expande o potencial do momento e que, conforme Doty, comprime novas possibilidades para fora do tempo em questão. Em seu

² Nota dos tradutores: queerness.



poema “Em tempos de peste”, Thom Gunn explora a erótica do tempo comprimido e a mortalidade iminente: “Meus pensamentos estão apinhados de morte / e se atraem tão estranhamente ao sexual / que me confundem / confundem em ser atraído / por, na verdade, minha própria aniquilação”. (GUNN, 1993, p. 59) O tempo *queer*, ao se vislumbrar no coração de uma crise, explora o potencial do que Charles-Pierre Baudelaire chamou, em relação ao modernismo, de “O transe, o Encontro, o Contingente”. Algumas pessoas gays responderam à ameaça da AIDS, por exemplo, repensando a ênfase convencional na longevidade e no futuro e estabelecendo comunidade em relação ao risco, à doença, à infecção e à morte. (BERSANI, 1996; EDELMAN, 1998) E ainda que o tempo *queer* emergja de uma crise como a da AIDS, não se trata apenas de compressão e aniquilação; trata-se também da potencialidade de uma vida não prescrita pelas convenções familiares, pela herança ou pela criação de filhos. Nas seções sobre subculturas deste livro, examinarei as temporalidades que são próprias das atividades subculturais e proporei repensarmos o binário adulto/juvenil em relação a uma “epistemologia da juventude”³ que perturba as narrativas convencionais da cultura jovem, da vida adulta e da maturidade. Subculturas *queer* produzem temporalidades alternativas, permitindo aos seus participantes acreditarem que seu futuro pode ser imaginado de acordo com lógicas que estão fora desses marcadores paradigmáticos da experiência de vida – como o nascimento, o casamento, a reprodução e a morte.

Reafirmo que estas novas lógicas temporais surgiram mais visivelmente na literatura produzida em relação à epidemia da AIDS. Por exemplo, em “As horas”, a bela reescrita de Michael Cunningham da Sra. Dalloway (de Virginia Woolf) toma o quadro temporal do romance de Woolf (da vida narrada em um dia), enfatizando uma nova forma *queer* de interpretar o tempo e o espaço. De fato, Cunningham explora a decisão autoral de Woolf de apresentar a jovem Clarissa Dalloway “apaixonada por outra garota” nos termos da temporalidade *queer*. Ele explica: “Clarissa Dalloway, em sua primeira juventude, amará outra garota, pensa Virginia; Clarissa acreditará que um futuro rico e turbulento se abre diante dela, mas eventualmente (como, exatamente, se realizará a mudança?) ela voltará a si, como fazem as jovens mulheres e se casará com um homem adequado”. (CUNNINGHAM, 1998, p. 81-82) O “futuro turbulento”, que emerge no romance de Woolf a partir de um beijo lésbico na juventude de Clarissa, torna-se, na reescrita habilidosa de Cunningham, um tempo *queer* que se realiza e, em última análise, se frustra ao longo do seu próprio arco narrativo. Cunningham acompanha a história autobiográfica de Woolf em sua decaída à loucura e ao suicídio, ao lado de uma narrativa contemporânea de Clarissa Vaughn, que se recusa a “cair em si” e vive com uma mulher chamada Sally enquanto cuida de seu melhor

3 Nota do autor: agradeço a Glen Mimura pela frase “epistemology of youth”.



amigo, Richard, um escritor que está morrendo de AIDS. A elegante formulação de Cunningham da temporalidade *queer* abre a possibilidade de um “futuro rico e turbulento” e a fecha no mesmo gesto estético. Enquanto Woolf, seguindo Sigmund Freud, sabe que Clarissa deve tomar juízo (e, como Freud, Woolf não pode imaginar “como a mudança [será] realizada”), Cunningham afasta Clarissa da marcha aparentemente inexorável do tempo narrativo em direção ao casamento (morte) e usa não a consumação, mas o beijo como a porta de entrada para saídas alternativas. Para Woolf, o beijo constituiu um daqueles “momentos de ser” que sua escrita lutou para encontrar e habitar; para Cunningham, o beijo é um lugar onde, como Carolyn Dinshaw denomina em *Getting Medieval*⁴, diferentes histórias se “tocam” e desdobram ao encostar uma na outra, criando um caos temporal na modulação do desejo. (DINSHAW, 1999)

Enquanto observamos uma abundância de excelentes trabalhos focados na temporalidade de vidas em relação direta com o vírus HIV (EDELMAN, 1998), encontramos muito menos pesquisas centradas na outra parte da equação de Cunningham: essas vidas vividas na “sombra de uma epidemia”, vidas de mulheres, transgêneros e *queers* que participam dessa mudança temporal de maneiras menos óbvias. Além disso, a experiência com o HIV para heterossexuais e pessoas *queer* racializadas⁵ não oferece necessariamente o mesmo tipo de reinvenção esperançosa a respeito dos modos convencionais de entendimento do tempo. O trabalho de Cathy Cohen em *The Boundaries of Blackness: Aids and the blackdown of black politics*⁶ mostra que alguns corpos são simplesmente “dispensáveis”, tanto nas comunidades marginais quanto nas comunidades tradicionais e que a vida abreviada de pessoas negras *queers* ou usuários pobres de drogas, por exemplo, não inspira o mesmo tipo de especulação metafísica sobre seus futuros abreviados, seus presentes intensificados ou suas histórias reformuladas; ao contrário, a morte prematura de pessoas pobres e pessoas racializadas⁷ é simplesmente um negócio rotineiro numa nação que bombeia drogas para comunidades urbanas empobrecidas e detém privilégios básicos de cuidados de saúde (COHEN, 1999). Samuel Delany articula maravilhosamente a dificuldade em conectar a prática política radical às populações exploradas quando afirma: “Devemos lembrar que são apenas aqueles trabalhadores – artistas normalmente urbanos (uma descoberta a que Marx chegou) – cujo dinheiro provém de várias fontes de diferentes classes sociais, para cima e para baixo na escada social, que podem se dar ao luxo de se entreter com uma prática política verdadeiramente radical”. (REID-PHARR, 2001, p. 12) E ainda, como argumenta Robert Reid-Pharr em *Black Gay Man*⁸

4 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.

5 Nota dos tradutores: *queer of color*.

6 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.

7 Nota dos tradutores: *people of color*.

8 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.



, livro introduzido pelo ensaio de Delany, a relação entre o universal e o particular que permite a elevação da experiência masculina branca (gay ou heterossexual) ao nível da generalidade e a redução, digamos, da experiência gay negra ao status do indivíduo, só pode ser desfeita através de uma consideração das contra-lógicas que emergem das “perversidades monótonas de nossa existência”. (REID-PHARR, 2001, p. 12) Neste livro, *In a Queer Time and Place*⁹, procuro desvendar precisamente as afirmações feitas sobre o universal por, e em nome dos, sujeitos masculinos brancos, teorizando a temporalidade e a geografia pós-moderna.

O tempo e o espaço são estruturas úteis para avaliar as mudanças políticas e culturais no final do século XX e início do século XXI (tanto o que mudou quanto o que precisa mudar). As linguagens críticas que temos desenvolvido para tentar avaliar os obstáculos à mudança social tem sido uma forma de obstruir nossas agendas políticas e de alienar os círculos não acadêmicos. Tento aqui transformar o tempo e o espaço *queer* em termos úteis para considerações acadêmicas e não acadêmicas sobre a vida, a localização e a transformação. Para dar um exemplo da forma como as linguagens críticas podem às vezes nos ser pesadas, considere o fato de que nos tornamos aptos dentro do pós-modernismo a falar sobre “normatividade”, mas muito menos aptos a descrever com riqueza de detalhes as práticas e estruturas que tanto se opõem como sustentam as formas convencionais de associação, pertencimento e identificação. Tento usar o conceito de tempo *queer* para deixar claro como noções de respeitabilidade e normalidade só podem ser sustentadas por uma lógica temporal reprodutiva da classe média. É assim que, nas culturas ocidentais, mapeamos o surgimento do adulto a partir do período perigoso e indisciplinado da adolescência como um processo desejado de maturação; criamos a longevidade como o futuro mais desejável; aplaudimos a busca de vida longa (sob quaisquer circunstâncias) e patologizamos modos de vida que mostram pouca ou nenhuma preocupação com a longevidade. Dentro do ciclo de vida do sujeito humano ocidental, longos períodos de estabilidade são considerados desejáveis, e pessoas que convivem com instabilidades radicais (viciados em drogas, por exemplo) são caracterizadas como imaturas e até perigosas. No entanto, a temporalidade lúdica criada pelas drogas (capturada por Salvador Dali como um relógio derretido e por William Burroughs como *junk time*) revela a artificialidade de nossas construções privilegiadas de tempo e atividade. Nas obras de escritores *queer* pós-modernos como Lynn Breedlove (*Godspeed*¹⁰), Eileen Myles (Chelsea Girls) e outros, a própria velocidade (a droga e o movimento) torna-se o motor de uma história alternativa à medida em que seus heróis *queer* reescrevem completamente as narrativas de rebelião feminina. (BREEDLOVE, 2002; MYLES, 1994)

9 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.

10 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.



O tempo de reprodução é regido por um relógio biológico para as mulheres e por regras burguesas rigorosas de respeitabilidade e programação para os casais casados. Obviamente, nem todas as pessoas que têm filhos planejam ou são capazes de cumprir o tempo reprodutivo, mas muitas e, possivelmente, a maioria das pessoas acreditam que a programação do tempo de reprodução é natural e desejável. O tempo familiar se refere à programação normativa da vida diária (dormir cedo, levantar-se cedo) que acompanha a prática da criação dos filhos. Este horário é governado por um conjunto imaginado de necessidades e está relacionado a crenças sobre a saúde das crianças e valorização de ambientes saudáveis para a criação dos filhos. O tempo da herança refere-se a uma visão geral do tempo geracional dentro do qual valores, riqueza, bens e moral são passados através dos laços familiares de uma geração para a outra. Ele também liga a família ao passado histórico da nação e olha para frente com o fim de conectar ao mesmo tempo futuro da estabilidade familiar à estabilidade nacional. Nesta categoria podemos incluir alguma temporalidade hipotética – o tempo do “e se” – que exige proteção na forma de apólices de seguro, cuidados de saúde e testamentos.

Em uma abordagem *queer* da geografia pós-moderna, a noção de uma identidade corporalmente centralizada dá lugar a um modelo que localiza as subjetividades sexuais dentro e entre o corpo, o lugar e a prática. Porém, pesquisas *queer* sobre sexualidade e espaço, assim como pesquisas *queer* sobre sexualidade e tempo, têm respondido às pesquisas canônicas sobre “geografia pós-moderna” de Edward Soja, Fredric Jameson, David Harvey e outros que excluíram a sexualidade como categoria de análise. Isso ocorreu precisamente porque o desejo foi moldado pelos neomarxistas como parte de uma política corporal lúdica que obstrui o trabalho “real” do ativismo. (HARVEY, 1990; JAMESON, 1997; SOJA, 1989) Esta exclusão fundacional, que designou a sexualidade ao corpo/local/pessoal e tomou a classe/global/política como seu próprio quadro de referência, dificultou a introdução de questões relacionadas à sexualidade e ao espaço nos debates mais gerais sobre globalização e capitalismo transnacional. Tanto Anna Tsing como Steve Pile referem-se a esta abordagem como a questão da “escala”. Pile, por exemplo, rejeita a noção de que certos campos de lutas políticas (digamos, classe) sejam mais importantes do que outras (digamos, sexualidade) e, em vez disso, sugere que repensemos essas lutas aparentemente concorrentes em termos de escalas, reconhecendo que, embora haja uma tendência de considerarmos as lutas locais como menos significativas do que as globais, em última análise, “o local e o global não são escalas naturais, mas formadas precisamente a partir das lutas que aparentemente apenas contêm”. (PILE, 1997, p. 13)

Um ajuste “*queer*” na forma como pensamos sobre o tempo, de fato, requer e produz



novas concepções do espaço. E, certamente, grande parte da teoria contemporânea que procura desconectar a *queeridade* de uma definição corporalmente essencialista da homossexualidade tem se concentrado no espaço *queer* e nas práticas *queer*. Ao articular e elaborar um conceito de tempo *queer*, sugiro novas maneiras de entender os comportamentos não normativos que têm relações nítidas, porém não essenciais, com gays e lésbicas. Para o propósito deste livro, “*queer*” se refere a lógicas e organizações não normativas de comunidade, de identidade sexual, de corporalidade¹¹ e de atividades no espaço e no tempo. “Tempo *queer*” é um termo para aqueles modelos específicos de temporalidade que emergem dentro do pós-modernismo, uma vez que abandona os quadros temporais de reprodução burguesa sobre família, longevidade, risco/segurança e herança. O termo “espaço *queer*” se refere às práticas de criação de lugares dentro do pós-modernismo que congregam pessoas *queer*, além de descrever os novos conceitos de espaço possibilitados pela produção da contracultura *queer*. Enquanto isso, o “pós-modernismo” neste projeto adquire significado em relação às novas formas de produção cultural que surgem tanto em sincronia como em oposição ao que Jameson (1997) chamou de “lógica” do capitalismo tardio. Eu vejo o pós-modernismo como, simultaneamente, uma crise e uma oportunidade – uma crise na estabilidade da forma e do significado, e uma oportunidade para repensar a prática da produção cultural, suas hierarquias e dinâmicas de poder, sua tendência a resistir ou capitular. Em seu trabalho sobre a geografia pós-moderna, Pile situa também o pós-modernismo em termos da relação mutável entre oposição e autoridade; ele nos lembra, de forma crucial, que “o mapa da resistência não é simplesmente a parte inferior do mapa da dominação”. (PILE, 1997, p. 6)

Em *Condição pós-moderna*, Harvey demonstra que as nossas concepções de espaço e tempo são construções forjadas a partir de relações sociais vibrantes e voláteis. (HARVEY, 1990) Vale a pena examinar mais profundamente a análise de Harvey sobre o tempo e sobre o espaço pós-moderno, tanto porque ele desconstrói enfaticamente a naturalização dos modos de temporalidade, como também porque ele presume e institui inconscientemente uma estrutura normativa para sua compreensão alternativa do tempo. Além disso, o conceito de Harvey sobre “compressão tempo/espaço” e os seus relatos sobre o papel da cultura no capitalismo tardio tornaram-se hegemônicos nos contextos acadêmicos. Harvey afirma que, por vivermos o tempo como forma de progressão natural, não conseguimos perceber ou reparar na sua construção. Consequentemente, temos conceitos como tempo “industrial” *versus* tempo “familiar”, tempo de “progresso”/“austeridade” *versus* gratificação “instantânea”, “adiamento” *versus* “imediatismo”, e a todos estes diferentes tipos de temporalidade atribuímos valor e significado. O tempo, explica Harvey, está organizado

¹¹ Nota dos tradutores: embodiment.



de acordo com a lógica da acumulação do capital, mas aqueles que se beneficiam do capitalismo experimentam esta lógica como inevitável e por isso são capazes de ignorar, reprimir ou apagar as exigências que lhes são direcionadas. Gostamos de imaginar, Harvey lembra, tanto que o nosso tempo nos pertence como também que, segundo o clichê, “há um tempo e um lugar para tudo”. Estas reações ao tempo e à lógica temporal produzem respostas emocionais e até físicas a diferentes tipos de tempo: por isso as pessoas se sentem culpadas pelo lazer, frustradas pela espera, satisfeitas com a pontualidade e assim por diante. Estas respostas emocionais contribuem para o nosso sentido de tempo como “natural”.

A famosa peça de Samuel Beckett “Esperando Godot” pode ser lida, por exemplo, como uma difamação do tempo gasto: um tratado sobre a sensação de perda de tempo, de inércia ou de tempo fora da propulsão capitalista. Esperar, nesta peça, parece ser uma forma de adiamento até se tornar claro que nada foi adiado e que nada será retomado. Na peça de Beckett, o futuro não se torna simplesmente diminuído, ele começa a pesar sobre o presente como um fardo. Se a poesia, segundo W. H. Auden, “não faz nada acontecer”, o drama absurdo faz o público esperar que nada aconteça, e a experiência da duração torna visível a falta de forma do tempo. Uma vez que os palhaços de Beckett não vão a lado nenhum enquanto esperam, também vemos as linhas de falha normalmente invisíveis entre o tempo e o espaço, uma vez que a estase temporal é considerada como imobilidade.

As diferentes formas de gerenciamento de tempo que Harvey menciona e destaca são todas ajustadas à agenda de normatividade sem nunca serem discutidas como tal. De fato, poderíamos dizer que a normatividade, como foi definida e teorizada dentro dos estudos *queer*, é a grande palavra que falta em quase todas as discussões de geografia pós-moderna dentro de uma tradição marxista. Como a maioria destas discussões depende do trabalho de Foucault e como a normatividade foi a sua compreensão primária sobre o funcionamento do poder moderno, esta é uma enorme omissão, com consequências para a discussão da sexualidade em relação ao tempo e espaço. O conceito da compressão tempo/espaço de Harvey, por exemplo, explica que todos os ciclos de tempo que naturalizamos e internalizamos (lazer, inércia, recreação, trabalho/ indústria, família/domesticidade) também são práticas espaciais, mas, novamente, Harvey perde a oportunidade de desconstruir o significado da naturalização com relação à especificidade das formas normalizadas de ser. O significado do espaço, afirma Harvey, passa por um duplo processo de naturalização: primeiro, é naturalizado em relação aos valores de uso (presumimos que nosso uso do espaço é o único e o inevitável – como a propriedade privada, por exemplo); mas em segundo lugar, naturalizamos o espaço ao subordiná-lo ao tempo. A construção de práticas



espaciais, em outras palavras, é obscurecida pela naturalização tanto do tempo quanto do espaço. Harvey defende múltiplas concepções de tempo e espaço, mas não descreve adequadamente como o tempo/espaço se naturaliza, por um lado, e como as construções hegemônicas de tempo e espaço são exclusivamente gendradas e sexualizadas, por outro. Ele traz uma análise declaradamente materialista do tempo/espaço dedicada à compreensão dos processos encobertos do capitalismo, mas falta-lhe o desejo simultâneo de descortinar os processos da heteronormatividade, do racismo e do sexismo.

Precisamos, por exemplo, de um entendimento muito mais rigoroso da genderização do espaço doméstico. Harvey poderia ter apontado para o trabalho dentro da história feminista sobre a criação de esferas separadas, por exemplo, para mostrar onde e como o *continuum* tempo/espaço se quebra sob o peso do escrutínio crítico. (COTT, 1977; SMITH-ROSENBERG, 1985) Historiadoras feministas demonstram, há cerca de trinta anos, que nos séculos XVIII e XIX, enquanto a burguesia europeia assumiu o domínio de classe sobre a aristocracia e o proletariado, uma separação de esferas representava graficamente a lógica de gênero do binarismo público/privado, restringindo as mulheres de classe média ao lar e deixando o reino da política e do comércio para os homens brancos. (DUGGAN, 2000; McHUGH, 1999) Além disso, como os trabalhos de Paul Gilroy e Joseph Roach demonstraram, as histórias de racialização não podem ser desconsideradas nas concepções espaciais de tempo, conflito ou economia política. (GILROY, 1993; ROACH, 1996) E, de fato, as histórias dos povos racializados têm sido histórias de imigração, diáspora e migração forçada. Apenas um enfoque único na história da classe trabalhadora branca e um conceito abstrato de capital pode dar origem ao tipo de organização esquemática que Harvey estabelece, no qual o tempo domina a consciência crítica e suprime uma compreensão da espacialidade.

*Blackness and value: seeing double*¹², de Lindon Barrett, fornece um bom antídoto para a simplificação interpretativa da cisão iluminista entre espaço e tempo que é reproduzida por Harvey. (BARRETT, 1999) De acordo com o relato que Barrett dá em seu livro, a filosofia ocidental pode ser historicamente localizada como um discurso que acompanha o capitalismo e trabalha para justificar e racionalizar um sistema patentemente brutal e injusto como inevitavelmente científico e orgânico. O capitalismo tem sido fundado de forma tão profunda nos últimos duzentos anos que, de fato, não vemos mais as linhas falhas que dividem o preto do branco, o trabalho do lazer, o sujeito do objeto. Ao seu modo verdadeiramente desconstruído e cuidadoso, Barrett restaura os fundamentos originais do pensamento ocidental que foram usados para designar o negro como desumano e o branco como humano, sendo o negro associado a ociosidade, a sexualidade perversa

12 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.



e a falta de autoconsciência, e o branco associado a diligência, a legibilidade, ao normal, ao doméstico, a contenção e a autoconsciência. Ao traçar esta história filosófica, Barrett é capaz de explicar o significado da negritude¹³ em diferentes períodos históricos em oposição à aparentemente inevitável, transparente e neutra retórica do tempo e do espaço que governa esses períodos.

Tsing também critica Harvey por fazer as separações entre espaço e tempo, moderno e pós-moderno, economia e cultura de forma tão simplificada e tão distinta. Ela teoriza o capitalismo global muito mais precisamente em relação à nova era de velocidade e conexão, viagem, movimento e comunicação; expondo os resultados contraditórios do capitalismo global em termos do que ele permite, bem como a partir das formas de opressão que ele exerce, Tsing nos lembra que a globalização torna possível uma política transnacional (ambientalismo, direitos humanos, feminismo), mesmo quando consolida a hegemonia dos Estados Unidos. Harvey só pode descrever a condição do pós-modernismo em termos de novas formas de dominação e, como Jameson, só pode pensar na produção cultural como um canal para a hegemonia dos Estados Unidos. Tsing, uma antropóloga, é em muitos aspectos uma improvável defensora da relação assimétrica entre a produção cultural e a produção econômica, mas sua crítica mais importante a Harvey diz respeito à sua caracterização da cultura pós-moderna como “um espelho das realidades econômicas”. (TSING, 2002, p. 466) A análise de Harvey, de acordo com Tsing, padece primeiro pelo modo simplista de fazer mudanças culturais e depois por localizá-las nas mudanças econômicas; segundo, ela afirma que Harvey faz todas as suas suposições sobre a globalização sem utilizar uma base de pesquisa etnográfica. Finalmente, ele generaliza em demasia a “condição pós-moderna” com base em uma compreensão falha do papel da cultura e, em seguida, permite que a cultura se imponha em relação a todos os outros tipos de evidências dos efeitos da globalização.

Em relação ao gênero, raça e produção alternativa ou subcultural, portanto, a grande teoria de Harvey sobre “a experiência do espaço e do tempo” na pós-modernidade deixa intactas, de modo tendencioso, as estruturas de poder da diferenciação, e presume que, na formulação de Pile, a oposição só pode ser um “eco de dominação”. (PILE, 1997, p. 13) Mas embora Harvey, assim como Soja e Jameson, acene para a racialização e genderização do espaço pós-moderno, também como Soja e Jameson, ele não tem nada a dizer sobre sexualidade e espaço. Tanto Soja como Harvey afirmam que foram as entrevistas de Foucault sobre o espaço e as publicações das notas da palestra sobre “heterotopia” que, como diz Soja, criaram as condições para uma geografia pós-moderna. O Foucault que inspira os geógrafos marxistas pós-modernos é claramente o Foucault de *Vigiar e punir*, mas não o de *A história da sexualidade*. Na verdade, Harvey perde várias

13 Nota dos tradutores: blackness.



oportunidades óbvias para discutir a naturalização do tempo e do espaço em relação à sexualidade. Tempo reprodutivo e tempo familiar são, acima de tudo, construções heteronormativas de tempo/espaço. Mas enquanto Harvey dá dicas sobre as políticas de gênero destas formas de tempo/espaço, ele não menciona a possibilidade de todos os tipos de pessoas, especialmente na pós-modernidade, optarem e viverem fora do tempo reprodutivo e familiar, bem como nos limites da lógica do trabalho e da produção, já que eles também vivem frequentemente fora da lógica da acumulação de capital: aqui poderíamos considerar delinquentes, *club kids*, *barebackers*¹⁴ soropositivos, garotos de programa¹⁵, trabalhadores do sexo, pessoas sem teto, traficantes de drogas e desempregados. Talvez essas pessoas possam ser chamadas produtivamente de “sujeitos *queer*” nos termos dos seus modos de vida (deliberadamente, acidentalmente ou por necessidade) durante as horas em que outros dormem e nos espaços (físicos, metafísicos e econômicos) que outros abandonaram, e no sentido de como podem trabalhar nos domínios que outras pessoas atribuem à privacidade e à família. Por fim, como vou traçar neste livro, para alguns sujeitos *queer*, o tempo e o espaço são limitados pelos riscos que estão dispostos a correr: a pessoa transgênero que arrisca sua vida com a passabilidade em uma cidade pequena, os músicos subculturais que arriscam sua subsistência ao mergulhar em práticas não lucrativas, os *performers queer* que desestabilizam os valores normativos que fazem com que todos se sintam seguros e protegidos; mas também aquelas pessoas que vivem sem redes de segurança financeira, sem casas, sem empregos estáveis, fora das organizações de tempo e espaço que foram estabelecidas com o propósito de proteger os poucos ricos de todos os outros.

Usando o Foucault da *História da sexualidade*, podemos voltar aos conceitos de tempo que Harvey toma por garantido e expor suas lógicas implícitas. (FOUCAULT, 1986) Stephen M. Barber e David L. Clark, em sua introdução a um livro de ensaios sobre Eve Kosofsky Sedgwick, apresentam talvez a leitura mais convincente até hoje de uma temporalidade *queer* que emerge da formulação da modernidade de Foucault como “uma atitude e não como um período da história”. (BARBER; CLARK, 2002, p. 304) Barber e Clark colocam os comentários de Foucault sobre modernidade ao lado dos comentários de Sedgwick sobre *queeridade*, a fim de definir *queeridade* como uma temporalidade – “um ‘momento’ e também uma força; ou melhor, é um cruzamento da temporalidade com a força”. (BARBER; CLARK, 2002, p. 8) Em Sedgwick, Barber e Clark identificam uma elaboração da relação entre temporalidade e escrita; em Foucault, eles encontram um modelo para a relação entre temporalidade e modos de ser. Eles resumem estas correntes em termos de um “momento”, um “presente persistente” ou “uma temporalidade *queer* que é

14 Nota dos tradutores: bareback é um gíria que se refere a fazer sexo oral, vaginal ou anal sem camisinha.

15 Nota dos tradutores: rent boys.



ao mesmo tempo indefinida e virtual, mas também forçada, resistente e inegável”. (BARBER; CLARK, 2002, p. 2) É este modelo de tempo, o modelo que emerge entre Foucault e Sedgwick, que é perdido e ignorado pelos geógrafos marxistas para quem o passado representa a lógica para o presente, e o futuro representa a fruição desta lógica.

A geografia pós-moderna, de fato, se alicerça no especulativo, mas poderoso, ensaio de Foucault sobre heterotopia e na afirmação de Foucault, presente neste ensaio, de que “a época atual será acima de tudo uma época do espaço”. (FOUCAULT, 1986, p. 22) Com base nesta visão, Soja e Harvey argumentam que a teoria crítica tem privilegiado o tempo/história sobre o espaço/geografia com muitas implicações diferentes. Mas tanto para Harvey em *Condição pós-moderna* quanto para Jameson em *A lógica cultural do pós-modernismo*, o pós-modernismo é uma estranha e até desconcertante confusão de tempo e espaço onde a história perdeu seu significado (materialista), o tempo se tornou um presente perpétuo e o espaço se aplainou diante da globalização rasteira. Ambos os teóricos evocam uma nostalgia palpável do modernismo com suas lógicas aparentemente opostas e suas articulações evidentes da alienação e revolução; e ambos os teóricos opõem política do local dentro de “uma época do espaço” à política do global – um capitalismo global contraposto por algum tipo de socialismo global utópico, onde nenhuma política que se encontra fora desta estrutura é tida como significativa. Previsivelmente, então, o “local” para os geógrafos pós-modernos torna-se o termo rebaixado do binário, assim, seu foco no global, no abstrato e até mesmo no universal se opõe ao local com suas associações com o concreto, o específico, o estreito, o empírico e até mesmo o físico¹⁶. Como diz Tsing, o local torna-se apenas um “lugar de parada para o global” nas considerações marxistas, e muitas vezes o local representa o lugar, enquanto o global representa a circulação, a viagem e a migração. Ao recusar-se a estabelecer uma relação dialética entre local/global, Tsing permite a abertura a uma lógica da diversidade: diversos locais, globais, capitalismos, temporalidades. (TSING, 2002)

Stuart Hall também nos lembra em seu ensaio sobre *The Global and the Local*¹⁷ que “quanto mais entendemos sobre o desenvolvimento do Capital em si mais entendemos que ele é apenas parte da história”. (HALL, 1997) E como Doreen Massey diz sobre o foco exclusivo de Harvey no capital, “Na conta de Harvey, o capital sempre vence, e parece que o capital só pode vencer”. (MASSEY, 1994, p. 140) Massey sugere que alternativas raramente são sugeridas por aqueles teóricos dos dominantes, já que estamos desde sempre presos e, quanto mais encontramos evidências de alternativas em contextos locais, mais o local se torna desacreditado como um “lugar limitado”, reacionário, e até mesmo fascista. O trabalho sobre sexualidade e espaço oferece

16 Nota dos tradutores: bodily.

17 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.



um quadro muito mais complexo da globalização e das relações entre o global e o local do que Harvey ou Soja oferecem. De fato, os estudos *queer* sobre sexualidade e espaço apresentam a oportunidade para o desenvolvimento de uma compreensão do local, do não metropolitano (não é a mesma coisa, eu sei), e do situado. Enquanto o trabalho sobre a globalização inevitavelmente irá tangenciar a superfície das variações locais e talvez até reproduza os efeitos homogeneizantes da globalização no processo de tentar oferecer uma crítica, os estudos *queer* do espaço, da sexualidade e da corporificação exploram a política pós-moderna do lugar em toda sua contradição, e, no processo, expõem os contornos do que chamo no capítulo 2 de “metronormatividade”.

Uma teórica que tem considerado a possibilidade do “fim do capitalismo” é J. K. Gibson-Graham, o nome atribuído¹⁸ às teorias conjuntas de Julie Graham e Katherine Gibson. No apelo original e inspirador por um imaginário anticapitalista, Gibson-Graham argumenta que “foi a forma como o capitalismo foi ‘pensado’ que tornou tão difícil para as pessoas imaginar sua *supersessão*¹⁹”. (GIBSON-GRAHAM, 1996, p. 5, grifo das autoras). Baseando-se em estudos feministas e na teoria *queer*, Gibson-Graham argumenta que o capitalismo tem sido desnecessariamente estabilizado dentro das representações marxistas como uma força totalizadora e uma entidade unitária. Se desestabilizarmos o significado do capitalismo usando críticas pós-estruturalistas de identidade e significação, então podemos começar a ver a multiplicidade de formas não capitalistas que constituem, suplementam e abreviam o capitalismo global, mas também podemos começar a imaginar, começando a ver, as alternativas ao capitalismo que já existem e estão atualmente em construção. Gibson-Graham apela para o “questionamento”²⁰ da globalização através de um amplo reconhecimento de seu status incompleto, suas descontinuidades, instabilidades e vulnerabilidades. Gibson-Graham propõe “a separação da globalização de uma identidade capitalista fixa, uma ruptura das significações monolíticas do capitalismo (mercado/mercadoria/capital) e uma libertação de diferentes formas e práticas econômicas”. (GIBSON-GRAHAM, 1996, p. 146)

A literatura sobre sexualidade e espaço está crescendo rapidamente, mas tende a se concentrar em homens gays, e isso muitas vezes é apenas um indicativo da maneira como há um comparativo que toma as comunidades sexuais de gays brancos como um modelo mais evoluído que as outras culturas sexuais tentam imitar e reproduzir. Um dos melhores estudos de espaço sexual que ainda se concentra em homens gays, mas reconhece as ausências dos marcadores de classe, raça e gênero na construção de comunidades sexuais é o *Times Square Red, Times Square Blue*²¹ de Samuel R. Delany. O livro de Delany quebra o molde do gênero das narrativas dos gays

18 Nota dos tradutores: moniker collaboration.

19 Nota dos tradutores: supersession.

20 Nota dos tradutores: querying.

21 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.



masculinos sobre o espaço, que frequentemente tomam a forma de relatos de viagem, e então compara as experiências sexuais do autor com homens gays em uma variedade de localizações globais, demonstrando assim uma espécie de homossexualidade universal dentro da qual a fluidez e a flexibilidade estão na ordem do dia. (BROWNING, 1996) No livro de Delany, as práticas sexuais geoespecíficas que ele descreve dizem respeito às interações entre homens de diferentes classes e raças nas lojas pornográficas de Nova Iorque e nos cinemas pornô. Estas práticas se desenvolvem e têm significado somente no contexto do cinema pornô, e seus significados mudam quando os homens deixam o teatro escurecido e *reemergem* na cidade. O estudo de Delany ilustra algumas das afirmações que tenho feito aqui sobre o tempo e o espaço *queer*: primeiro, que as culturas opostas, ou como diria Pile, as “geografias de resistência”, não são simétricas à autoridade a que se opõem; segundo, que as relações entre sexualidade, tempo e espaço proporcionam uma imensa percepção dos fluxos de poder e subversão dentro do pós-modernismo; e finalmente, que pessoas *queer* usam o espaço e o tempo de formas que desafiam as lógicas convencionais de desenvolvimento, maturidade, maioridade e responsabilidade. (DELANY, 1999)

A análise inovadora de Delany sobre a destruição de subculturas sexuais durante o desenvolvimento corporativo da Times Square, em Nova Iorque, permite que ele se oponha à noção de que o aumento da segurança pública era a principal motivação por trás da maquiagem feita na área. Enquanto os desenvolvedores afirmaram que as indústrias do sexo na Times Square tornaram a área totalmente insegura para, especialmente, as mulheres e famílias, Delany argumenta que não há nenhuma relação particular entre a segurança nas ruas e a presença ou ausência de profissionais do sexo. Ele afirma inequivocamente: “O que eu vejo por detrás da aparência positiva dos ‘valores familiares’ (juntamente com e em nome de tais valores é a supressão violenta das estruturas sociais urbanas, econômicas, sociais e sexuais) é um terror totalmente provinciano e absolutamente interiorano do contato entre as classes”. (DELANY, 1999, p. 153) Embora eu queira voltar a esta noção do terror interiorano ao contato com a alteridade em meus capítulos sobre Brandon Teena, aqui estou interessado na visão de Delany sobre as culturas sexuais urbanas e seus entendimentos sobre o espaço e o tempo.

Delany divide seu livro em duas seções, como o título sugere, e enquanto a primeira metade fornece um relato etnográfico dos frequentadores²² dos teatros pornô, dotado de anedotas dos encontros de Delany com vários homens, a segunda metade articula uma teoria do espaço, da intimidade e do contato físico no pós-modernismo. Nesta última seção, Delany faz algumas grandes reivindicações. Primeiro, ele propõe que “dado o modo de capitalismo sob o qual

22 Nota dos tradutores: denizens.



vivemos, a vida é mais gratificante, produtiva e agradável quando um grande número de pessoas compreende, aprecia e busca o contato e a comunicação entre classes conduzidos em um modo de boa vontade”. (DELANY, 1999, p. 111) Os encontros entre homens nos cinemas de sexo do centro de Manhattan são uma das poucas zonas remanescentes do contato prazeroso entre classes, segundo Delany, e ao arrasar esta área, os urbanistas da nova Times Square estão implantando uma lógica de “segurança” para justificar a destruição de um intrincado sistema subcultural. Em seu lugar, os desenvolvedores corporativos construirão um *shopping* de rua para que os turistas que visitarem Times Square se sintam seguros o suficiente para gastar seu dinheiro lá. A segunda proposta feita por Delany redefine a luta de classes para uma política pós-moderna. Ele argumenta que a guerra de classes funciona silenciosamente contra as práticas sociais através das quais o contato entre classes pode ocorrer. Em outras palavras, o que entendemos nos dias de hoje como “guerra de classes” não é simplesmente a exploração de mão-de-obra pelos patrões ou a revolta trabalhista, mas uma luta entre aqueles que valorizam o contato entre classes, e trabalham duro para assegurar os espaços onde este contato pode ocorrer, e aqueles que temem e trabalham para criar espaços estéreis, isentos da mistura de classes.

A fim de criar e manter novos espaços de contato entre classes, Delany afirma que precisamos ser capazes de, primeiro, imaginar tais espaços; temos que descobrir onde eles estão e como podem ser sustentados e apoiados. Segundo, precisamos teorizar os novos espaços. Não basta simplesmente apontar novos locais para o contato entre classes, mas, como Delany fez aqui, temos que criar um discurso complexo em torno deles através da narrativa e do trabalho meticuloso de arquivamento. Terceiro, temos que evitar a nostalgia do que foi e do que desapareceu enquanto criamos uma nova formulação para futuros espaços e arquiteturas. Finalmente, Delany nos incita a narrar um relato das instituições invisíveis que sustentam os contrapúblicos²³, mas também a contar a história das novas tecnologias que querem erradicá-los através de uma campanha moral sobre a limpeza da cidade. Delany afirma repetidamente em *Times Square Red* que as pequenas cidades dos Estados Unidos são (se medidas em termos do número de crimes por pessoa) muito mais violentas do que as grandes cidades e que a estrutura da violência, particularmente a violência contra pessoas *queers*, é, digamos, bem diferente em cada local. Em uma cidade pequena, a violência tende a ser previsível, afirma ele, uma vez que os moradores frequentemente iniciam a violência contra estranhos ou forasteiros, mas na cidade grande a violência é aleatória e imprevisível. Delany sugere que rompamos com as fantasias confortáveis da segurança da pequena cidade e do perigo da grande cidade, e reconsideremos os riscos reais dos diferentes locais levando em conta

23 Nota dos tradutores: não foi possível identificar a visão do autor no uso desse conceito para uma tradução mais precisa.



as diferentes populações que os habitam. Especificamente, ele recomenda que não projetemos áreas urbanas para atender os visitantes suburbanos, e que comecemos a considerar o problema da violência em pequenas cidades e em áreas rurais tendo em vista a falta de contato entre classes, entre raças ou entre sexualidades.

As mulheres estão efetivamente ausentes do relato inteligente, envolvente e até revolucionário de Delany sobre as subculturas sexuais, e somos levados a concluir no final do livro que, a partir de agora, não há lugar para as mulheres neste mundo subterrâneo do sexo em espaços públicos. Embora não seja meu propósito discutir aqui as possibilidades para as mulheres fomentarem espaços públicos para sexo, quero abordar a ausência do gênero enquanto categoria de análise em grande parte do trabalho sobre sexualidade e espaço, deslocando os termos de discussão do global ao local em relação às geografias pós-modernas; e deslocando o foco do urbano para o rural em relação às geografias *queer*. Também defenderei uma nova concepção de espaço e sexualidade – o que chamo de compreensão “tecnológica”²⁴ do espaço – que se abre no fazer artístico *queer*.

A divisão entre urbano e rural ou urbano e cidade pequena teve um grande impacto nas maneiras pelas quais a comunidade *queer* foi formada e percebida nos Estados Unidos. Até recentemente, as pequenas cidades eram consideradas hostis às pessoas *queers* e as áreas urbanas eram consideradas o ambiente natural para as pessoas *queer*. Nos debates contemporâneos sobre a vida urbana, as populações gays ricas são frequentemente descritas como parte de uma “classe criativa” que valoriza a vida e o capital cultural da cidade, e essa classe de gays é então colocada em oposição à vida familiar e aos valores das cidades pequenas do meio-oeste norte-americano. (FLORIDA, 2002) Embora haja muita verdade nessa divisão entre vida urbana e de cidade pequena, entre culturas familiares hétero e culturas criativas e sexuais *queer*, a divisão também invisibiliza a vida de pessoas *queers* não urbanas. Em *A Queer Time and Place*, ambos (tempo e espaço) confirmam que as subculturas *queer* florescem em áreas urbanas e contestam as caracterizações essencialistas da vida *queer* como urbana. Em uma extensa consideração sobre a vida e a morte de Brandon Teena, um jovem transgênero que foi assassinado em uma pequena cidade de Nebraska, observo como o corpo transgênero funciona em relação ao tempo e ao espaço como um local rico para fantasias de futuridade e anacronismo, e pergunto aqui por que a transgeneridade adquire tanto significado no pós-modernismo.

A primeira metade deste livro considera a súbita visibilidade do corpo transgênero no final do século XX em contraponto ao cenário de mudanças nas concepções de espaço e identidade. Este

24 Nota dos tradutores: technotopic



livro, na verdade, começou como um estudo do trágico assassinato de Brandon, em 1993. Depois de se passar por homem e namorar garotas locais em Nebraska, Brandon sofreu uma morte brutal pelas mãos de dois rapazes locais que se sentiram ameaçados por sua masculinidade. Na morte, Brandon tornou-se um herói, um mártir e um amigo que tombou para centenas de espectadores e leitores que teriam demonstrado pouco ou nenhum interesse em sua situação se ele tivesse sido morto em um acidente de trânsito ou se morresse de alguma doença. Os capítulos 2 e 3 exploram em detalhes o caso de Brandon Teena, onde volto às questões ali levantadas sobre espaço, lugar e identidade após minha interpretação do longa-metragem de Kimberly Peirce sobre Brandon em 1999: “Meninos não choram”. Originalmente eu tinha planejado um estudo do caso Brandon seguindo a linha de alguns dos livros que foram escritos sobre o assassinato de Matthew Shepard no Wyoming. (LOFFREDA, 2002) Mas, à medida que a “indústria Brandon” crescia, e à medida que filmes, vídeos, romances, narrativas de mistério baseadas em crimes reais e outros relatos do caso eram divulgados, senti-me ambivalente em simplesmente contribuir para o crescente fascínio por esse jovem transgênero entre gays e lésbicas de espaços urbanos. Na esperança de evitar o vórtice representacional e emocional que cercava Brandon, decidi estudar a construção de Brandon tendo em perspectiva algumas das questões sobre tempo e espaço levantadas pelos estudos *queer*. E assim, vejo Brandon como uma figura que representa tanto o anacronismo (um modelo anterior de identidade gay como inversão de gênero) quanto o seu deslocamento (uma pessoa que escolhe o espaço rural ao invés do urbano como o seu teatro para encenar o seu gênero); Brandon está literal e figurativamente fora do tempo e fora do lugar.

Em seu trabalho sobre a “cultura da ferida” na América, Mark Seltzer afirma que vivemos em uma sociedade tão preocupada com cenas de violência e violação que o trauma se tornou “um efeito em busca de uma causa”. (SELTZER, 1998, p. 257) A formulação de Seltzer sobre a experiência psicológica do trauma como uma construção tardia ou retrospectiva da experiência física da violação descreve perfeitamente o tipo de atenção dirigida a Brandon Teena ou a Matthew Shepard; tais figuras são produzidas para representar as mágoas e as indignações que são tantas vezes invisibilizadas pela peculiar estrutura do armário da homofobia. Uma leitura generosa desse processo – pelo qual uma comunidade seleciona um membro violentado para representar um dano irrepresentável de outra forma – enxergaria a transformação de uma afronta pessoal em uma afronta política. Uma leitura menos generosa poderia argumentar que o processo de seleção de mártires (brancos e jovens) dentro do ativismo queer urbano permite que uma comunidade de gays e lésbicas de classe média urbana cada vez mais empoderada negue seu crescente acesso a privilégios com a finalidade de demandar novas formas de reconhecimento estatal e encontrar



novas maneiras de acessar a respeitabilidade e suas recompensas. Muitos dos gays e das lésbicas que participaram de vigílias à luz de velas para Brandon, e ainda mais para Matthew Shepard, eram de fato pessoas que nunca se envolveriam com o ativismo político de outra forma e que certamente não estariam se organizando em nome das pessoas *queer* dissidentes de gênero ou racializadas. As variadas respostas aos trágicos assassinatos desses dois jovens, brancos e *queers* de espaços rurais têm muito a nos dizer sobre memória seletiva e ativismo político, espaço e identidade sexual e a mobilização do trauma. Enquanto os primeiros capítulos de *In a Queer Time and Place* se concentram especificamente no caso de Brandon Teena, a seção intermediária deste livro aborda a temática levantada por este caso em outras arenas de representação e esboça as relações interativas entre gêneros dominantes e alternativos nas culturas visuais do século XX.

O capítulo 4 sobre cinema *queer* e o olhar transgênero, o capítulo 5 sobre cultura visual *queer* e representações de corporeidade ambígua e, até certo ponto, o capítulo 6 sobre apropriações convencionais da ambiguidade de gênero, examinam os circuitos de influência que permitem a emergência do corpo transgênero como simultaneamente um símbolo da flexibilidade pós-moderna e uma forma inteligível de subjetividade corporificada. Às vezes, observo a representação da transgeneridade separada das pessoas transgêneros; em outros, exploro as autorrepresentações feitas por e para pessoas transgêneros. Vários capítulos deste livro tentam dar conta das relações existentes entre os diferentes níveis de produção cultural. No capítulo 5, retomo debates na história da arte sobre as relações entre vanguardas e subculturas e os aplico à arte visual *queer* contemporânea. No capítulo 6, tento delinear a marca pouco discernível de influência que as subculturas transgêneros tiveram nas representações hegemônicas de gênero. Como meu livro anterior sobre masculinidade feminina mostrou²⁵, as representações do corpo feminino com gênero ambíguo raramente produziram o mesmo interesse que suas contrapartes masculinas – garotos afeminados, *drag queens* e travestis. (HALBERSTAM, 1998) E a mulher masculina raramente foi retratada como um fenômeno interessante no passado – geralmente, ela foi retratada como o resultado de uma feminilidade fracassada, ou como o resultado de uma mímica patética e malsucedida da masculinidade. O capítulo 6 examina comédias recentes sobre a masculinidade inglesa como “Ou Tudo ou Nada” e “Austin Powers”. Cada um desses textos destaca com humor a relação entre masculinidades alternativas e dominantes e, surpreendentemente, credita às masculinidades alternativas a reconstrução dos contornos da personificação masculina. O capítulo questionará como e por que o gênero da comédia possibilita o reconhecimento da influência das masculinidades minoritárias. No caso de *Austin Powers*, em particular, proponho que o sucesso da

25 Nota dos tradutores: Female Masculinity, publicado em 1998.



paródia masculina que o filme empreende depende de uma apropriação das práticas *drag king* de personificação masculina. O capítulo 7 se baseia no conjunto de perguntas que fiz no capítulo anterior sobre a influência e a circulação de textos culturais, paródia masculina e intensidade subcultural, e as perguntas feitas no capítulo 5 sobre a apropriação de material subcultural pela vanguarda, explorando as subculturas lésbicas como um local para o desenvolvimento de contrapúblicos *queer* e temporalidades *queer*. Finalizo este capítulo e o livro com um caso concreto, a carreira musical de Ferron, através do qual se analisa a temática do conflito geracional e do tempo *queer*.

Ao longo deste livro, retorno ao corpo transgênero como um campo contraditório no pós-modernismo. A pessoa de gênero ambíguo²⁶ representa hoje um conjunto muito diferente de suposições sobre gênero do que o sujeito de gênero invertido do início do século XX; e à medida que um modelo de inversão de gênero se tornou anacrônico, o corpo transgênero emergiu como o próprio futuro, uma espécie de conquista heroica das promessas pós-modernas de fluidez de gênero. Por que a fluidez de gênero se tornou um local de fascínio e promessa no final do século XX e o que essa nova flexibilidade tem a ver com outras economias de flexibilização no pós-modernismo? Como demonstra o livro *Flexible Bodies*²⁷, de Emily Martin, em relação a concepções historicamente variáveis do sistema imunológico, a flexibilidade tornou-se “uma de nossas novas apropriações de virtudes garantidas para as pessoas e seus corpos”. (MARTIN, 1995) Ela continua: “A flexibilidade tornou-se também uma mercadoria poderosa, algo escasso e altamente valorizado, que pode ser usado para discriminar algumas pessoas”. (MARTIN, 1995, p. 17) Enquanto nos acostumamos a pensar em termos de uma “cidadania flexível” e “acumulação flexível” como alguns dos lados sinistros dessa nova “virtude”, o interesse contemporâneo por gêneros flexíveis, de *talk shows* a filmes de sucesso, pode ser também parte da conceituação de uma nova elite global. (ONG, 1999)

Porque a flexibilidade corporal tornou-se tanto uma mercadoria (no caso de cirurgias estéticas, por exemplo) quanto um mercado, não basta nesta “era da flexibilidade” celebrar a flexibilidade de gênero simplesmente como mais um sinal de progresso e libertação. Promover a flexibilidade ao nível da identidade e das escolhas pessoais pode soar como um programa pós-moderno ou até mesmo *queer* de mudança social. Mas com a mesma facilidade descreve também as estratégias publicitárias de grandes corporações como a *Gap*, que vendem seus produtos moldando seus consumidores como simultaneamente todos iguais e todos diferentes. De fato, a nova popularidade dos tecidos de elastano acomoda precisamente esse modelo de fluidez corporal, criando roupas que podem se esticar para atender às vontades do corpo único e individual que

26 Nota dos tradutores: gender-ambiguous.

27 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.



as preenche. Publicidades de outras empresas, como a *Dr. Pepper*, cujos anúncios incentivam o consumidor a “ser você!” e que vendem a transgressão como individualismo, também brincam com o que se poderia chamar de uma “má” leitura do gênero pós-moderno. A teoria de gênero pós-moderna tem sido em grande parte interpretada (erroneamente) como uma descrição e um apelo por maiores graus de flexibilidade e fluidez. Muitos jovens gays e lésbicas pensam em si mesmos como parte de um mundo “pós-gênero” e para eles a ideia de “rotulagem” torna-se sinal de uma opressão que eles abandonaram alegremente em direção a um mundo pluralista de infinita diversidade. Em outras palavras, tornou-se lugar-comum e até clichê para jovens gays e lésbicas da cidade (brancos) afirmar que não gostam de “rótulos” e não querem ser “encaixotados” por categorias de identidade, ainda que essas mesmas categorias de identidade representem os esforços de gerações de ativistas anteriores que nos levaram à fronteira da “libertação” em primeiro lugar. Muitos gays e lésbicas urbanos de diferentes faixas etárias também expressam um senso humanístico de que sua singularidade não pode ser apreendida pela aplicação de um termo genérico. A emergência dessa noção liberal, na verdade neoliberal, de “singularidade como estilo radical” em ambientes urbanos *queer* deve ser avaliada juntamente às transmutações do capitalismo na pós-modernidade tardia. Como Lisa Duggan afirma, “as novas políticas sexuais neoliberais (...) podem ser chamadas de novas homonormatividades – isto é, uma política que não contesta pressupostos e instituições heteronormativas dominantes, mas que os defende e sustenta, enquanto promete a possibilidade de um eleitorado gay semi-mobilizado e uma cultura gay privatizada e despolitizada ancorada na domesticidade e no consumo” (DUGGAN, 2003).

Harvey caracterizou o capitalismo tardio em termos de “flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo”. (HARVEY, 1990, p. 147) Maior flexibilidade, como sabemos agora, leva a maiores oportunidades para a exploração por corporações transnacionais de mercados de trabalho barato em nações do Terceiro Mundo e em comunidades de imigrantes no Primeiro Mundo. Pode-se dizer que as formas locais e intersubjetivas de flexibilidade contribuem para o que Anna Tsing chama de “carisma da globalização” ao incorporar uma ética de flexibilidade aparentemente radical na compreensão da individualidade. Nas comunidades *queer*, o que definirei como “excepcionalismo transgressor” pode ser visto como um subproduto das traduções locais do neoliberalismo.

Como muitos críticos marxistas particularmente parecem gostar de apontar, a política de identidade no final do século XX mudou, em alguns casos, de uma crítica necessária e estratégica do universalismo para uma política do “eu” frustrada e míope. Existem poucos estudos de caso na crítica das políticas de identidade, no entanto, muitas vezes um teórico em particular (geralmente



um teórico queer muito proeminente e sofisticado) substituirá projetos que podem ser caracterizados como vinculados e limitados às reivindicações de identidade. Muitos projetos teóricos importantes foram descartados como sendo “política de identidade” porque as pessoas escritoras permanecem confusas sobre o significado desse conceito e, de muitas maneiras, a política de identidade tornou-se o novo “essencialismo”, um marcador, em outras palavras, de alguma combinação de ingenuidade e limitação que supostamente bloqueia projetos mais expansivos e sofisticados. Muitas vezes, na academia, a “política de identidade” será utilizada como uma acusação de “interesse” e o acusador procurará dirigir a discussão para um projeto mais distante, com supostamente maior validade e aplicações mais amplas.

Em um ensaio muito útil em *Taking Identity Politics Seriously*²⁸, o antropólogo James Clifford adverte que a rejeição generalizada da política de identidade pelos intelectuais de esquerda corre o risco de perder a “volatilidade complexa, potencial ambivalente e necessidade histórica dos movimentos sociais contemporâneos”. (CLIFFORD, 2000, p. 95) Com base no trabalho de Stuart Hall, Clifford argumenta que não podemos descartar os métodos usados por várias comunidades para “dar ‘espaço’ para si mesmas em um mundo lotado”; em vez disso, ele e Hall, separadamente, impulsionam uma análise continuada das maneiras pelas quais “seres humanos se tornam agentes”. Clifford acredita que a “etnografia historicamente informada” deve ser central para uma “compreensão comparativa da política de identidade”. (CLIFFORD, 2000, p. 103) Embora o trabalho que faço neste livro não possa, de forma alguma, ser chamado de “etnografia”, ele tenta dar sentido às formas através das quais as novas comunidades de gênero criam “espaço” para si mesmas, montando uma história da emergência de um conjunto de representações produzidas e em circulação no pós-modernismo.

Muitas vezes, a política de identidade torna-se um problema muito mais fora do que dentro da academia. Nas comunidades tradicionais de gays, lésbicas e pessoas trans nos Estados Unidos, travam-se batalhas sobre qual grupo ocupa a posição mais transgressora ou oprimida, e raramente esses debates são enquadrados nos termos das discussões mais amplas sobre capitalismo, classe ou economia. Nesse contexto, então, o “excepcionalismo transgressor” refere-se à prática de assumir o alto nível moral alegando ser mais oprimido e mais extraordinário do que outros. A reverberação dos debates vinculados à identidade fora da academia diz não apenas da ausência de sofisticação em tais debates, mas sugere que os acadêmicos falharam em levar suas ideias para além dos muros da universidade e não fizeram as intervenções necessárias em locais intelectuais públicos. Em contextos transgêneros, por exemplo, como relata o sociólogo Henry Rubin, pessoas transgêneros

28 Nota dos tradutores: até a presente publicação, não havia tradução para o português da obra citada.



e transexuais têm levantado profundas suspeitas de pesquisadores acadêmicos e isso tornou muito difícil para os acadêmicos a possibilidade de conduzir extensas etnografias ou intervir em debates comunitários sobre o significado das múltiplas formas de ambiguidade de gênero. (RUBIN, 2003) Surpreendentemente, transgêneros e transexuais parecem não ter a mesma suspeita em relação a assistentes sociais, que, por sua vez, fizeram incursões nas comunidades trans que os pesquisadores acadêmicos não conseguiram. (VALENTINE, 2000) De fato, nos últimos anos, o termo “transgênero” circulou e assumiu significado muitas vezes em relação às intervenções de serviços sociais com grupos de jovens e comunidades de profissionais do sexo.

Na esperança de que um projeto produtivo e generativo possa ser extraído com sucesso de uma profunda consideração do significado de transgeneridade em relação aos entendimentos pós-modernos de tempo e espaço, ofereço nas próximas duas seções algumas formas alternativas de explicar e sustentar o salto imaginativo que a transgeneridade realmente representa dentro da teoria *queer* e das comunidades *queer*. Espero que os ensaios reunidos aqui possam iniciar um diálogo sobre o significado da variação de gênero²⁹ em comunidades *queer* que vá além das reivindicações de singularidade ou opressão unilateral, e além da divisão binária de flexibilidade ou rigidez. Steve Pile adverte contra a estabilização prematura dessa binariedade, argumentando que “os temas da resistência não são fixos nem fluidos, mas ambos e mais. E esse ‘mais’ envolve a sensação de que a resistência é resistência tanto à fixidez quanto à fluidez”. (PILE, 1997, p. 30) Num momento em que os interesses econômicos dos EUA no Oriente Médio são encobertos pela retórica da liberdade e independência, é importante estudar a forma e a estrutura das muitas contradições do capital transnacional nos níveis locais, bem como no global. A transgeneridade, com sua promessa de liberação de gênero e sua camada de transgressão, sua promessa de flexibilidade e sua realidade comprometida pela rigidez, poderia ser o resultado bem-sucedido de anos de ativismo de gênero; ou, com a mesma facilidade, poderia ser o sinal da reincorporação de uma subcultura radical de volta à economia flexível da cultura pós-moderna. Este livro tenta manter viva a transgeneridade como um designador significativo de identidades e práticas de gênero imprevisíveis, localizando sujeitos transgêneros como protagonistas em vários debates pós-modernos sobre espaço e sexualidade, produção subcultural, papéis de gênero em espaços rurais, arte e ambiguidade de gênero, políticas da biografia, concepções históricas de masculinidade, gênero e sexo e do local em oposição ao global.

29 Nota dos tradutores: gender variance.



Referências

- BARBER, S. M.; CLARK, D. L. Queer moments: the performative temporalities of Eve Kosofsky Sedgwick. In: BARBER, S. M.; CLARK, D. L. *Regarding Sedgwick: essays on queer culture and critical theory*. New York: Routledge, 2002. S/ p.
- BARRETT, L. *Blackness and value: seeing double*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BERSANI, L. *Homos*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- BREEDLOVE, L. *Godspeed*. New York: St. Martin's Press, 2002.
- BROWNING, F. *A queer geography of desire: journeys toward a sexual self*. New York: Noonday Press, 1996.
- CLIFFORD, J. Taking identity politics seriously: the contradictory, stony ground.” In: GILROY, P.; GROSSBERG, L.; McROBBIE, A. (ed.). *Without Guarantees: in honour of Stuart Hall*. New York: Verso, 2000. p. 94-112.
- COHEN, C. J. *The boundaries of blackness: AIDS and the breakdown of black politics*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- COTT, N. *The bonds of womanhood: “Woman’s Sphere” in New England, 1780-1835*. New Haven: Yale University Press, 1977.
- CUNNINGHAM, M. *The hours*. New York: Picador, 1998.
- DELANY, S. *Times square red, times square blue*. New York: New York University Press, 1999.
- DINSHAW, C. *Getting medieval: sexualities and communities, pre- and postmodern*. Durham: Duke University Press, 1999.
- DOTY, M. *Heaven’s coast*. New York: Harper, 1996.
- DUGGAN, L. *Sapphic slashers: sex, violence, and american modernity*. Durham: Duke University Press, 2000.
- DUGGAN, L. *The twilight of equality: neo-liberalism, cultural politics and the attack on democracy*. Boston: Beacon Press, 2003.
- EDELMAN, L. The future is kid stuff: queer theory, disidentification, and the death drive. *Narrative, Columbus*, v. 6, n. 1, p. 18-30, 1998.
- FLORIDA, R. *The rise of the creative class and how it’s transforming work, leisure, community, and everyday life*. New York: Basic Books, 2002.
- FOUCAULT, M. Friendship as a way of life. In: LOTRINGER, S. *Foucault Live: collected interviews, 1961-1984*. New York: Semiotext(e), 1996. p. 308-312.
- FOUCAULT, M. *The history of sexuality*. New York: Vintage, 1980.
- FOUCAULT, M. Of other spaces. Translation Jay Miskowiec. *Diacritics*, Baltimore, v. 16, n. 1, p. 22-27, 1986.
- GIBSON-GRAHAM, J. K. *The end of capitalism (as we knew it): a feminist critique of political economy*. Malden: Blackwell, 1996.
- GILROY, P. *The black Atlantic: modernity’ and double consciousness*. Cambridge: Harvard University Press, 1993
- GUNN, T. *The man with night sweats*. Boston: Faber and Faber, 1993.



- HALBERSTAM, J. *Female masculinity*. Durham, NC: Duke University Press, 1998. *S/p*.
- HALL, S. The global and the local: globalization and ethnicity. In: McCLINTOCK, A.; MUFTI, A.; SHOHAT, E. *Dangerous liaisons: gender, nation, and postcolonial perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 173-187.
- HARVEY, D. *The condition of postmodernity*. Oxford: Blackwell, 1990.
- JAMESON, F. *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press, 1997.
- LOFFREDA, B. *Losing Matt Shepard*. New York: Columbia University Press, 2002.
- MARTIN, E. *Flexible bodies: tracking immunity in American Culture from the days of polio to the age of AIDS*. Boston: Beacon Press, 1995.
- MASSEY, D. The political place of locality studies. In: MASSEY, D. *Space, place, and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. p. 125-145.
- McHUGH, K. *American domesticity: from how-to manual to Hollywood drama*. New York: Oxford University Press, 1999.
- MYLES, E. *Chelsea Girls*. Santa Rosa: Black Sparrow Press, 1994.
- ONG, A. *Flexible citizenship: the cultural logics of transnationality*. Durham: Duke University Press, 1999.
- PILE, S. Introduction: opposition, political identities, and spaces of resistance. In: KEITH, M.; PILE, S. (ed.). *Geographies of resistance*. London: Routledge, 1997. p. 1-32.
- REID-PHARR, R. *Black gay man: essays*. New York: New York University Press, 2001.
- ROACH, J. *Cities of the dead: circum-atlantic performance*. New York: Columbia University Press, 1996.
- RUBIN, H. *Self-made meet: identity, embodiment and recognition among transsexual men*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2003.
- SELTZER, M. *Serial killers: death and life in America's wound culture*. New York: Routledge, 1998.
- SMITH-ROSENBERG, C. *Disorderly conduct: visions of gender in victorian America*. New York: Knopf, 1985.
- SOJA, E. *Postmodern geographies: the reassertion of space in critical social theory*. New York: Verso, 1989.
- TSING, A. Conclusion: the global situation. In: INDA, J. X. *The anthropology of globalization: a reader*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 453-486.
- VALENTINE, D. "I Know What I Am": the category of "transgender" in the construction of contemporary U.S. conceptions of sexuality and gender. 2000. Dissertation (PhD in Anthropology). New York University, New York, 2000.

